

SILVA, C.F.; SOUZA, A.C.S.; TIPPLE, A.F.V.; SANTOS, S.L.V.; CUNHA, H.C.C.; In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO DA UFG – IIIICONPEEX, 2006, Goiânia. **Anais eletrônicos do XIV Seminário de Iniciação Científica**, Goiânia: UFG, 2006.

O USO DE EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL ENTRE GRADUANDOS DOS CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE E A CONTRIBUIÇÃO DAS INSTITUIÇÕES FORMADORAS

SILVA, Cecília Ferreira¹; **NEVES**, Heliny Carneiro Cunha¹; **TIPPLE**, Anaclara Ferreira Veiga²; **SANTOS**, Silvana Lima Vieira dos³; **SOUZA**, Adenícia Custódia Silva²

Palavras-chave: Riscos Ocupacionais; Equipamentos de Proteção; Vulnerabilidade;

1. INTRODUÇÃO

Consideramos que as instituições de ensino devem oferecer aos graduandos da área da saúde, condições para que eles construam conhecimento sólido acerca do uso dos EPI, a fim de adquirirem competência para agirem com segurança frente à exposição às doenças transmitidas ocupacionalmente. A adoção consciente destes equipamentos que embora sejam de uso individual e para a proteção profissional, também reflete na qualidade e seguridade da assistência prestada aos clientes.

2. METODOLOGIA

Estudo descritivo de abordagem quantitativa realizado junto aos alunos do último ano/semestre dos cursos da área da saúde em Instituições de Ensino Superior (IES) do Estado de Goiás. Foram selecionados os cursos nos quais os alunos trabalham diretamente com seres humanos e nos quais há contato com algum material biológico durante suas atividades práticas. Foram elegíveis e participaram do estudo 19 cursos. Os dados foram obtidos por meio de um questionário após a aquiescência das IES e dos sujeitos, aos quais foram garantidos o sigilo e o anonimato, por meio do termo de consentimento livre e esclarecido. O banco de dados foi estruturado e processado no programa Epi-info, versão 2004 (CDC, 2004). Os dados foram apresentados em figuras e tabelas e analisados por meio de estatística descritiva à luz do referencial teórico das precauções padrão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da amostra 777 acadêmicos de cursos da área da saúde, a maioria com idade entre 20 e 30 anos, sendo a população predominante do sexo feminino, e o curso mais representativo em número de alunos foi o de Enfermagem. Ao serem questionados quanto ao conceito de EPI, 647 (83,2%) dos graduandos, o desprezaram de maneira insuficiente, e apenas 64 (8,2%) referiram respostas consideradas satisfatórias, fatos que sugerem que esta temática, de tamanha relevância na qualidade da assistência e proteção dos trabalhadores, não foi trabalhada de maneira consistente durante a vida acadêmica, demonstrando déficit no conhecimento adquirido durante a graduação. Ao indagarmos sobre a utilização dos EPI, verificamos que 98,6% dos graduandos referiram adotá-los em suas atividades práticas. Observamos que o jaleco

é o EPI mais utilizado. Porém, não basta apenas uma boa adesão ao EPI, outros aspectos são igualmente importantes, como o manuseio e a frequência de troca, pois foi observado neste estudo que menos de 50% da população em estudo realiza a troca do jaleco de forma satisfatória. Quanto ao uso das luvas verificamos uma boa adesão (95,6%) e uma compreensão satisfatória quanto às recomendações de uso. Porém, dois alunos do curso de odontologia indicaram o uso de luvas apenas em situações específicas, quando o seu uso é imprescindível em todos os procedimentos a serem executados por estes acadêmicos e no curso de farmácia dois alunos afirmaram nunca utilizar as luvas e dezesseis afirmaram raramente utiliza-las. Quanto ao uso de máscaras, obtivemos uma adesão significativa (84,5%). Entretanto, dois alunos da odontologia indicaram seu uso em situações específicas, quando o uso de máscara é especialmente recomendado para a prática, tendo em vista serem comuns os procedimentos que envolvem a formação de respingos e aerossóis (CDC, 1993). Acreditamos que o uso de máscara seja indicado para todos os profissionais de todas as áreas da saúde, embora com frequência diferenciada de acordo com o tipo de procedimento realizado. Verificamos o manuseio inadequado das máscaras, pois 316 (40,7%) referiram descartar a máscara apenas ao final do turno de trabalho. As máscaras usadas por períodos prolongados e sem trocas sucessivas a cada paciente, além de não conferir a proteção, pode transformar-se em um reservatório de microrganismos. Assim, um Equipamento de Proteção Individual pode transformar-se em um Equipamento de Disseminação Coletiva (TIPPLE, 2003). Encontramos uma baixa adesão ao uso de óculos protetores (59,9%) e uma baixa compreensão quanto ao manuseio, uma vez que, menos de 50% dos graduando realizam de forma correta os procedimentos de descontaminação dos óculos protetores. Quanto às indicações para a utilização deste EPI verificamos um conhecimento significativo acerca desta temática, pois, 84,3% dos graduandos responderam de maneira assertiva sobre as indicações de uso. Obtivemos uma baixa adesão quanto ao uso de gorro. O gorro deve ser utilizado para proteger os cabelos durante os procedimentos que provocam respingos de sangue ou fluidos corpóreos. A baixa adesão ao uso dos EPI, está diretamente associada aos vários fatores que desestimulam o seu uso. Os fatores com maior representatividade entre os graduandos foram: 590 (75,8%) trazem o desconforto físico e 362 (46,6%) a indisponibilidade ou inadequação dos EPI nas unidades de saúde. Apenas 100 (12,9%) afirmaram não haver fatores que desestimulem o uso do EPI. Ao serem questionados quanto à existência de disciplinas curriculares, no momento da formação acadêmica, que abordam sobre o uso de Equipamentos de Proteção Individual, a maioria referiu que sim (92,8%), este número pode ser relacionado ao número de graduandos que referiram fazer uso do EPI (98,6%). A distribuição dos cursos, os quais referiram não haver recebido orientação sobre o uso de EPI, foram: 12 (1,5%) graduandos da Farmácia; 10 (1,3%) da Enfermagem; 4 (0,5%) da Fonoaudiologia; 4 (0,5%) da Odontologia e 3 (0,4%) da Biomedicina.

SILVA, C.F.; SOUZA, A.C.S.; TIPPLE, A.F.V.; SANTOS, S.L.V.; CUNHA, H.C.C.; In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO DA UFG – IIICONPEEX, 2006, Goiânia. **Anais eletrônicos do XIV Seminário de Iniciação Científica**, Goiânia: UFG, 2006.

4. CONCLUSÃO

A maioria dos alunos afirmou adotar os EPI rotineiramente em suas atividades práticas. Entretanto verificamos uma baixa adesão ao uso de óculos protetores e gorro e uma compreensão insuficiente quanto ao uso e manuseio destes equipamentos, pois foram adotadas condutas diversificadas e errôneas quanto às práticas de utilização destes equipamentos, resultantes da estanquidade das disciplinas ministradas durante a graduação, que não permitem ao graduando fazer as ligações necessárias a construção consistente de um conhecimento vital para o exercício profissional. Assim, revelou-se a fragilidade do processo ensino-aprendizagem nas IES quanto à construção do conhecimento sobre o uso e manuseio de EPI que somadas aos fatores desestimulantes para o seu uso colocam estes futuros profissionais em riscos de exposição a material biológico, evidenciando a vulnerabilidade no exercício de suas profissões. Faz-se necessário fazermos uma reflexão acerca do verdadeiro papel das IES, as quais deveriam incorporar uma política de qualificação docente e de educação continuada, visto que os professores necessitam estar preparados para construir o conhecimento conjuntamente com os alunos, uma vez que este tem um papel de facilitador do processo ensino-aprendizagem, devendo então estimular o aluno a ter uma postura mais ativa, crítica e reflexiva durante o processo de construção do conhecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CENTER FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). Epi-info program version 3.3 of October 2004. *MMWR- Morbidity and Mortality Weekly Report*, Atlanta. 2004.

_____. Recommendations Infection Control Practices for Dentistry. *MMWR, Morbidity and Mortality Weekly Report*, Atlanta, v.42, n. RR-8, May., p.1-12, 1993.

TIPPLE, A. F. V. et al. Equipamentos de proteção individual: uso e manuseio por alunos em uma instituição de ensino odontológico; *Revista ABO Nacional.*; vol.11, n.3.; Junho/julho, p. 153-161, 2003.

¹ Acadêmica de Enfermagem-Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás - UFG. Bolsista do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Infecção Hospitalar (NEPIH) e do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/ PIVIC).

E-mail: cissa_ferreira_silva@hotmail.com (PIBIC) e ninne_cunha@hotmail.com (PIVIC)

² Enfermeira Doutora. Professora Adjunto I e Coordenadora do NEPIH (Núcleo de Estudo e Pesquisa em Infecção Hospitalar) da Faculdade de Enfermagem da UFG. E-mail: adenicia@fen.ufg.br e anaclara@fen.ufg.br

³ Enfermeira Mestre. Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Salgado de Oliveira-GO. E-mail: silvanalvs@hotmail.com